

ORALIDADE E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO: A SUPRESSÃO DO /R/ EM VERBOS NO INFINITIVO

Ilton Cesar Mendes da Silva Oliveira¹

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise sociolinguística sobre a supressão do fonema-grafema /r/ final em verbos no infinitivo em três produções escritas de estudantes do Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio, a partir de uma pesquisa qualitativa realizada em 2025 em escolas públicas urbana e rural de Alagoas. Fundamentado em teóricos como Bortoni-Ricardo (2004), Bagno (2001, 2015), Possenti (1995, 1996, 2008), Marcuschi (2010) e Cagliari (1992), o estudo problematiza a ideia de “erro” gramatical, propondo uma abordagem pedagógica que reconheça a variação linguística como um fenômeno natural e constitutivo da língua. Os dados analisados revelam a forte influência da oralidade sobre a escrita em contextos escolares e apontam a necessidade de um ensino de língua materna crítico, culturalmente sensível e comprometido com a formação de sujeitos linguisticamente conscientes. O artigo propõe uma reflexão sobre a responsabilidade docente na mediação entre fala e escrita, norma e uso, saber científico e realidade linguística dos alunos.

Palavras-chave: Variação linguística; Infinitivo verbal; Oralidade e escrita; Ensino de língua; Sociolinguística educacional.

INTRODUÇÃO

A língua, enquanto fenômeno social, é essencialmente heterogênea e dinâmica. Longe de constituir um sistema rígido e homogêneo, ela está em constante processo de mudança, moldada pelas práticas comunicativas dos falantes e pelos contextos sociais nos quais se insere. Nesse sentido, a Sociolinguística, como campo teórico e metodológico, tem se dedicado a investigar as múltiplas formas de variação linguística que emergem no uso cotidiano da linguagem, oferecendo ferramentas para compreender como esses fenômenos se manifestam na fala, na escrita e nas práticas culturais de diferentes grupos sociais (POSSENTI, 1996).

Toda língua natural é marcada por variações — fonológicas, morfossintáticas, lexicais e pragmáticas — que decorrem de fatores como região geográfica, faixa etária, gênero, escolaridade, etnia, classe social e situação de uso. Essas variações não são desvios, mas expressões legítimas da competência linguística dos falantes em diferentes contextos. No português brasileiro, uma dessas variações recorrentes é a supressão do

¹ Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras da Universidade Federal de Alagoas- UFAL, iltoncesar@professor.educ.al.gov.br ;



fonema /r/ final nos verbos no infinitivo, fenômeno que costuma ser estigmatizado como marca de fala “inculta”, associada a indivíduos das classes populares ou oriundos de áreas rurais.

Entretanto, do ponto de vista da Sociolinguística, essa supressão deve ser compreendida como uma variação sistemática, condicionada por fatores fonológicos e socioculturais, e não como erro ou falha linguística. A escola, muitas vezes, não reconhece essas marcas da oralidade como legítimas, o que contribui para o silenciamento de identidades linguísticas e culturais dos alunos.

Este trabalho tem como objetivo analisar a ocorrência da supressão do /r/ final em verbos no infinitivo em três produções textuais de estudantes do 5º ano e 7º ano do ensino fundamental e 1ª série do ensino médio matriculados(as) em escola pública da zona urbana e da zona rural do estado de Alagoas. A análise parte de uma perspectiva sociolinguística e de uma análise interpretativa de fenômenos linguísticos reais, a fim de refletir sobre os impactos da oralidade na escrita e sobre a importância de um ensino de língua materna que valorize a diversidade linguística como expressão da pluralidade sociocultural dos falantes.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida com base em uma abordagem qualitativa, conforme proposto por Gil (2002), que defende que a pesquisa qualitativa busca compreender os fenômenos estudados a partir de suas nuances e variáveis contextuais, identificando fatores determinantes para sua ocorrência. O estudo focou na análise da produção textual de estudantes do 5º e 7º ano do Ensino Fundamental e da 1ª série do Ensino Médio, de escolas públicas localizadas em uma zona urbana e zona rural de Alagoas. As produções foram realizadas a partir de propostas de escrita livre com caráter descritivo, orientadas em sala de aula.

A análise centrou-se especificamente na ocorrência do apagamento do fonema /r/ nos verbos no infinitivo, com o objetivo de descrever as relações entre essa ocorrência e as variáveis linguísticas presentes no contexto da Língua Portuguesa brasileira, além de refletir, à luz da sociolinguística, sobre como os professores podem contribuir para o desenvolvimento da escrita de seus alunos, levando em conta a variação linguística presente em suas produções.



A pesquisa foi embasada por uma pesquisa bibliográfica abrangente, com o intuito de fundamentar teoricamente os objetivos propostos. A revisão de literatura envolveu as obras de autores como Possenti (1995, 1996, 2008), Cagliari (1992), Bortoni-Ricardo (2004), Marcuschi (2010) e Bagno (2001, 2015), que oferecem contribuições essenciais para a compreensão das dinâmicas da variação linguística no contexto escolar e para a reflexão sobre as práticas pedagógicas que podem ser adotadas pelos professores. O estudo procurou aprofundar a análise das questões sociolinguísticas que envolvem a língua falada e escrita no Brasil, especialmente no que tange ao fenômeno da supressão do /r/ nos verbos infinitivos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Variação linguística e preconceito: entre o uso e a norma

A língua portuguesa falada no Brasil é resultado de um processo histórico de formação complexo, marcado por intensos contatos linguísticos e culturais. Entre os principais vetores dessa formação, destacam-se as línguas indígenas originárias, os idiomas africanos trazidos pelos povos escravizados e o português europeu, que aqui sofreu diversas adaptações fonológicas, morfossintáticas e lexicais. Como resultado, a língua portuguesa brasileira apresenta ampla variação interna, tanto na fala quanto na escrita, manifestando-se de diferentes formas conforme a região, o grupo social e o contexto de uso.

Nesse panorama, a Sociolinguística se afirma como um campo teórico-metodológico voltado para o estudo das relações entre língua e sociedade, com foco nas práticas linguísticas reais dos falantes. Diferentemente da gramática normativa, que prescreve como a língua deveria ser usada, a Sociolinguística preocupa-se com o modo como *ela é de fato* utilizada pelos diferentes grupos sociais. Como aponta Bagno (2001), trata-se de reconhecer que não há uma única forma legítima de falar, mas sim múltiplas maneiras de uso, todas elas estruturadas, coerentes e dotadas de funcionalidade comunicativa.

O estudo da variação linguística parte do princípio de que a língua não é homogênea nem estática, mas sim dinâmica e heterogênea. Isso implica reconhecer que os usos linguísticos variam conforme fatores socioculturais, como classe, idade, sexo, etnia, escolaridade, região geográfica e situação comunicativa. Assim, a variação não é



exceção, mas regra do funcionamento da linguagem. Como ressalta Possenti (1995, p. 21), “línguas não são sistemas internamente uniformes”.

No contexto escolar, contudo, observa-se frequentemente uma dissociação entre a variedade linguística dos alunos e a norma-padrão exigida nos processos de leitura e escrita. Essa dissociação é, muitas vezes, naturalizada por professores e materiais didáticos, que classificam como “erro” qualquer desvio em relação ao modelo gramatical hegemônico. Tal postura pedagógica desconsidera que a fala dos estudantes — muitas vezes marcada por traços da oralidade regional ou popular — é legítima e funcional, refletindo a variedade linguística do grupo ao qual pertencem.

Bagno (2001) argumenta que tais “erros” são, na verdade, construções linguísticas coerentes com as regras de suas respectivas variedades. A própria oposição entre “certo” e “errado” é relativizada quando se adota a perspectiva sociolinguística, já que a gramática normativa representa apenas uma das muitas formas de organização da língua, geralmente vinculada a elites sociais e ao prestígio institucional. Para Marcuschi (2010, p. 46), “a escrita está na ordem ideológica da avaliação sociopolítica em sua relação com a fala e na maneira como nos apropriamos dela”, o que explica a associação histórica entre ortografia e escolarização, autoridade e poder.

Cabe lembrar ainda que a aquisição da escrita, diferentemente da oralidade, requer ensino sistematizado e mediação escolar. A fala é adquirida espontaneamente, em contextos sociais naturais, enquanto a escrita demanda letramento — ou seja, o domínio das convenções gráficas e a capacidade de contextualizar os usos sociais da língua escrita. Nesse ponto, a atuação pedagógica deve levar em conta os saberes linguísticos prévios dos alunos, sem desconsiderar sua realidade linguística e cultural.

Cagliari (1992, p. 81) observa que todas as variedades linguísticas são completas em si mesmas e se distinguem apenas pelos valores sociais que lhes são atribuídos. Já Marcuschi (2010, p. 31) destaca que toda variedade possui um conjunto de regras próprias, sendo a norma-padrão apenas uma entre outras, geralmente associada à elite letrada e ao ambiente escolar. Reconhecer isso é o primeiro passo para uma educação linguística crítica, dialógica e inclusiva.

Oralidade e escrita na escola: o lugar da variação

A escrita, enquanto prática social, transcende a simples transcrição da fala. Como explica Marcuschi (2010), a escrita é um registro que resulta de um processo



culturalmente construído, com regras próprias de codificação, e que exige, para sua plena apreensão, ensino sistematizado e mediação pedagógica. É importante destacar que, embora a escola seja um ambiente fundamental para a aprendizagem da norma escrita, a oralidade continua a exercer uma forte influência sobre a escrita, especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental, como evidenciado na produção dos alunos analisada nesta pesquisa.

Essa transição da fala para a escrita não ocorre de forma mecânica, mas é mediada por diversas variáveis, incluindo a compreensão dos alunos sobre as normas da língua e as particularidades da escrita escolar. Cagliari (1992) observa que, durante o processo de aquisição da norma escrita, muitos alunos tendem a recorrer à transcrição fonética para representar aquilo que escutam. Essa estratégia está diretamente relacionada à naturalidade da língua falada, em que os sons podem ser mais flexíveis e variáveis dependendo da região e do contexto. Por exemplo, o fonema /r/ em final de verbo, frequentemente inaudível ou enfraquecido na fala cotidiana de determinadas variedades regionais do português brasileiro, pode ser omitido na escrita, uma vez que não é pronunciado de forma clara na oralidade.

A supressão desse fonema na escrita não deve ser vista como uma falha cognitiva ou linguística, mas sim como uma manifestação das regras internas de um sistema linguístico que é funcional para os falantes. Como Bortoni-Ricardo (2004) aponta, a supressão do /r/ pós-vocálico é um fenômeno sistemático e generalizado em diversas regiões do Brasil, especialmente em verbos no infinitivo. Esse fenômeno, longe de ser uma exceção, reflete a variação linguística presente em todo o território nacional, o que evidencia a dinâmica da língua portuguesa em suas múltiplas formas de expressão.

Assim, é fundamental que a escola reconheça a oralidade como uma parte essencial do processo de aprendizagem da escrita, valorizando as diferentes formas de uso da língua e proporcionando aos alunos uma compreensão mais ampla da norma culta e da variação linguística. A mediação pedagógica, nesse sentido, deve buscar o equilíbrio entre a norma culta e as variações da língua, promovendo o desenvolvimento de habilidades que permitam aos estudantes transitar entre essas diferentes formas de linguagem, tanto na oralidade quanto na escrita.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



É frequente observarmos, tanto no repertório de escrita de alunos quanto de profissionais da licenciatura, o desaparecimento do fonema 'r' em finais de palavras, especialmente nos verbos no infinitivo. Esse fenômeno está intimamente ligado à variação linguística da língua falada, em que, em diversas regiões do Brasil, o fonema /r/ final, em palavras como "correr" ou "desenvolver", tende a ser suavizado ou até mesmo completamente suprimido na pronúncia. No entanto, muitos alunos, ao escreverem essas palavras, acabam transferindo o apagamento do /r/ da oralidade para a escrita, o que resulta em erros ortográficos.

Como Bortoni-Ricardo (2004) observa, a supressão do /r/ pós-vocálico é um fenômeno sistemático no Brasil, presente em diversas regiões. Ele destaca que o apagamento do /r/ ocorre, especialmente, nos infinitivos verbais, como em "correr" > "corrê", "almoçar" > "almoça", "desenvolver" > "desenvolvê", "sorrir" > "sorri". Bortoni-Ricardo explica que, quando o /r/ é suprimido na oralidade, a vogal final é alongada e ganha maior intensidade. Esse fenômeno é reflexo da realidade linguística da língua falada, em que o /r/ já não é pronunciado de forma clara em muitas variedades do português brasileiro (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 85).

De acordo com Cagliari (1992), o apagamento do /r/ nos textos dos alunos em processo de alfabetização pode ser caracterizado como uma transcrição fonética. O aluno omite o /r/ porque ele não o articula na fala. Esse fenômeno está relacionado com o processo de mudança linguística das línguas, que evoluem ao longo do tempo, refletindo as peculiaridades dos grupos sociais e os contextos regionais. A maneira como os alunos aprendem a língua está intimamente conectada ao meio social e linguístico no qual estão inseridos (CAGLIARI, 1992, p. 81).

Massini-Cagliari (2019) também discute a supressão das consoantes róticas finais, como o /r/ nos verbos, e observa que, no português brasileiro, há uma tendência a simplificar a estrutura silábica, transformando o padrão CVC (consoante-vogal-consoante) em uma estrutura mais simples, CV (consoante-vogal). A supressão do /r/ final é uma das manifestações dessa simplificação, que facilita a articulação e o ritmo da fala. É essencial compreender a supressão do /r/ dentro do contexto do desenvolvimento da escrita, já que os alunos estão constantemente em contato com a língua oral durante sua trajetória escolar. Fatores linguísticos e extralinguísticos, como o contexto regional e social, influenciam diretamente a forma como os alunos produzem suas redações e textos. Mesmo após a fase de alfabetização, a permanência desse fenômeno é uma realidade nas



produções escritas, revelando que o processo de adaptação à norma culta da escrita continua ao longo da escolarização.

Portanto, a supressão do /r/ nos textos dos alunos não é apenas uma característica da oralidade, mas também um reflexo da variação linguística mais ampla presente na sociedade. A pesquisa sobre esse fenômeno oferece uma oportunidade valiosa para que os professores atuem de forma reflexiva, promovendo intervenções pedagógicas que ajudem os alunos a tomar consciência dessa questão e a desenvolver uma escrita mais alinhada com as normas ortográficas da língua, sem perder de vista a riqueza da variação linguística. É importante que os educadores compreendam esse fenômeno como parte do processo de aprendizagem da língua e ofereçam estratégias para lidar com ele de forma construtiva.

Nas aulas de Língua Portuguesa, a análise das produções escritas dos alunos tem revelado, com frequência, a forte influência da oralidade, o que leva as produções a se distanciarem da norma padrão da língua. Esses desvios são, muitas vezes, rotulados como "erros" pelos(as) professores(as). No entanto, é crucial que se compreenda os condicionantes que influenciam esses fenômenos na escrita dos alunos.

A presença da oralidade na escrita escolar se manifesta de forma perceptível desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, especialmente em textos espontâneos e pessoais. A seguir, analisamos a produção de um(a) aluno(a) do 5º ano, por meio de um bilhete carinhoso escrito para a mãe. O gênero textual utilizado, o bilhete, evidencia o uso da linguagem afetiva, cotidiana e íntima, com fortes marcas da oralidade transposta para a escrita. Vejamos a seguir:

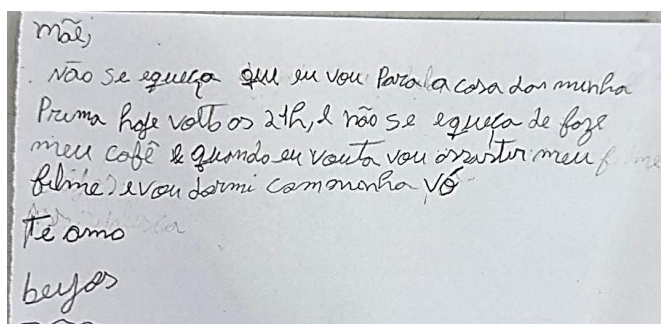


Figura 1: Produção textual do(a) estudante do 5º ano do Ensino Fundamental

Nessa produção, observa-se uma sequência lógica e afetiva das ações, com elementos típicos do discurso falado: repetições ("não se esqueça"), construções sintáticas simples, omissões e adaptações fonológicas como "faze" (por *fazer*), "cafê" (por *café*),

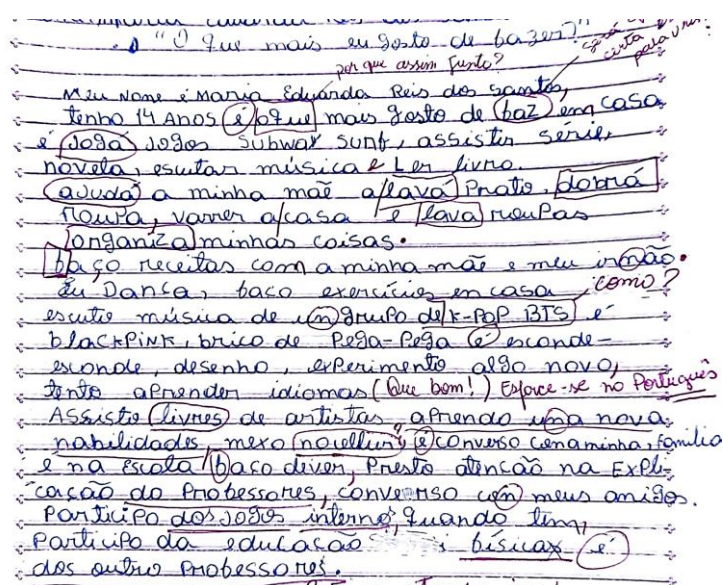


“vouta” (por *voltar*) e “dormi” (por *dormir*). A estrutura geral do texto é funcional, e a mensagem é clara, evidenciando que o(a) aluno(a) compreende o propósito comunicativo da escrita.

A tentativa de representar foneticamente o que se diz é um indicativo de que o(a) estudante está mobilizando seu repertório linguístico para se fazer entender, mesmo que isso resulte em marcas fora da norma ortográfica. Essa produção, por seu caráter espontâneo e íntimo, permite compreender que a escrita não se inicia pela obediência à norma, mas pela intenção comunicativa, e que essa intencionalidade está profundamente conectada às práticas orais.

Essa compreensão é essencial para uma abordagem pedagógica que reconheça a oralidade como ponto de partida legítimo para o ensino da escrita. A análise desse bilhete evidencia que, desde os primeiros anos, a fala do aluno encontra-se impressa na forma escrita, constituindo o que Bortoni-Ricardo (2004) denomina de escrita popular urbana, uma variante marcada pela oralidade e pelas condições sociolinguísticas do sujeito.

A seguir, serão analisadas produções de estudantes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, que confirmam a persistência e evolução dessas marcas linguísticas ao longo da trajetória escolar. Apresentamos a produção do(a) estudante do 7º ano, na qual observamos a supressão do 'r' final nos verbos no infinitivo, um fenômeno comum em várias regiões do Brasil.



"O que mais eu gosto de fazer?"
 por que assim futo?
 Meu nome é Maria Eduarda Reis dos Santos.
 Tenho 14 anos (e) por que mais gosto de (ba)z em casa
 e (da) jogos Subway Surfers, assistir séries,
 novela, ouvir música e ler livro.
 (ajuda) a minha mãe a (lava) pratos, (lavar) a
 roupa, varrer a casa e (lava) roupas.
 (organiza) minhas coisas.
 (faço) receitas com a minha mãe e meu irmão.
 Eu danço, faço exercícios em casa, como?
 estudo música de um grupo de k-pop BTS e
 blackpink, brico de Pega-Pega e grande-
 xonde, desenho, experimento algo novo,
 tento aprender idiomas (que bom!) Esforce-se no Português
 Assisto (filmes) de artistas, aprendo uma nova
 habilidade, mero novellun, (converso) com minha família
 e na escola (falo) divers, presto atenção na Expt,
 (caço) do professores, converso com meus amigos.
 Participo dos jogos online, quando tem
 Participo da educação, (bisuax) (e)
 dos outros professores.

Figura 2: Produção textual do(a) estudante do 7º ano do Ensino Fundamental

Na produção acima, é possível identificar que os "erros" relativos à escrita dos verbos no infinitivo estão associados a uma transcrição fonética, como aponta Cagliari

(1992, p. 138-139). O(a) aluno(a) escreve “jogá” (em vez de "jogar"), “lavá” (em vez de "lavar") e “organiza” (em vez de "organizar"), pois, na sua fala, o /r/ final não é articulado de forma clara. Esse tipo de transcrição reflete a realidade linguística da oralidade, onde a ausência ou enfraquecimento do fonema /r/ em algumas palavras resulta em omissões na escrita.

Além disso, em casos como "jogá" (em vez de "jogar"), "ajudá" (em vez de "ajudar"), "lavá" (em vez de "lavar") e "dobrá" (em vez de "dobrar"), observa-se que o(a) aluno(a) utiliza o acento agudo para prolongar as vogais finais. Esse uso sugere que há uma certa consciência sobre a tonicidade da sílaba final, com o(a) aluno(a) tentando representar graficamente a ênfase na pronúncia das vogais. Aqui, o uso do acento agudo ou circunflexo demonstra que o(a) aluno(a) reconhece a necessidade de marcar a tonicidade, mas, devido à influência da oralidade, aplica esse recurso de maneira inadequada.

Bagno (2015, p. 71) corrobora a ideia de que a ortografia da língua escrita não é uma mera representação fiel da fala, nem acompanha a evolução natural da oralidade. Ele destaca que a escrita ortográfica é uma construção social e linguística que requer ensino sistematizado, diferente da língua falada, que é adquirida de maneira natural e espontânea. A correção das produções textuais dos alunos deve ser vista com moderação, pois a aquisição da escrita ortográfica é um processo gradual. A fala, por outro lado, se adapta mais rapidamente, e as variações linguísticas são naturalizadas na oralidade, como se observa no exemplo de "dormir" (escrito) versus "durmi" (falado).

Embora a ortografia seja fundamental para a comunicação escrita, é indiscutível que muitos alunos enfrentam dificuldades devido à complexidade das regras gramaticais. Isso reflete diretamente na produção escrita, sendo essencial que os professores possuam um conhecimento sólido sobre a variação linguística. Bortoni-Ricardo (2004) nos lembra que:

[...] uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola, e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças. Na prática, contudo, esse comportamento é ainda problemático para os professores, que ficam inseguros, sem saber se devem corrigir ou não, que erros devem corrigir ou até mesmo se podem falar de erros. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 38)

Essa insegurança é um reflexo de uma educação ainda muito rígida em relação às normas da língua padrão, sem um olhar sensível para as variações regionais e sociais da



língua. Possenti (2008) aponta que, embora algumas práticas pedagógicas estejam sendo repensadas, muitos professores têm adotado um novo olhar sobre a diversidade linguística, propondo, por exemplo, que os alunos realizem análises gramaticais a partir de textos que circulam entre eles, contextualizando o aprendizado da norma culta e permitindo que os estudantes reconheçam as diferentes formas de uso da língua.

Embora os anos finais do Ensino Fundamental sejam frequentemente considerados o período de transição entre a oralidade dominante e o uso mais sistematizado da norma escrita, é possível observar que, mesmo no Ensino Médio, diversos estudantes ainda apresentam marcas significativas da oralidade em suas produções textuais. A seguir, analisamos uma produção escrita de um(a) aluno(a) da 1ª série do Ensino Médio, cuja escrita revela a continuidade do fenômeno da supressão do /r/ nos verbos no infinitivo e outras marcas linguísticas associadas à fala.

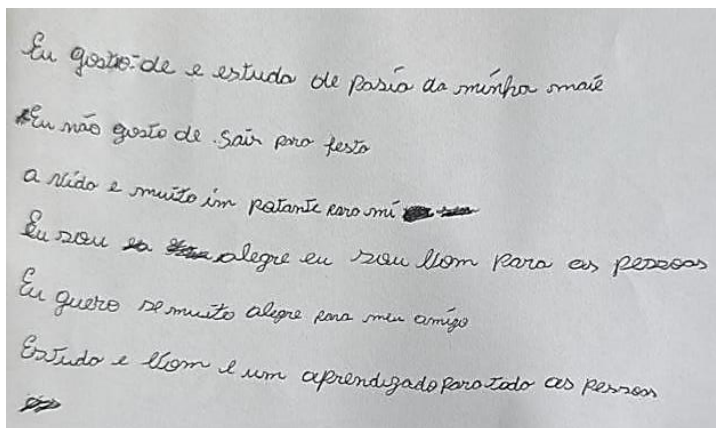


Figura 3: Produção textual do(a) estudante do estudante da 1ª série do Ensino Médio

A análise desse excerto evidencia a persistência da supressão do /r/ em verbos no infinitivo, como em “estuda” (por *estudar*) e “pasia” (por *passear*). Essas escolhas revelam não uma ausência de raciocínio linguístico, mas sim a presença de estratégias fonológicas baseadas na oralidade e na tentativa de transcrição espontânea dos sons cotidianos.

O uso de “se” no lugar de *ser* reforça a hipótese de que o(a) aluno(a) está em um processo de construção da norma escrita, ainda muito ancorado em sua vivência oral. Apesar dessas marcas, o texto apresenta organização temática, coerência de ideias e expressão afetiva, o que indica o esforço do(a) estudante em comunicar-se por escrito, mesmo que com desvios ortográficos.



Essa produção confirma que o fenômeno da supressão do /r/ e outras marcas da oralidade não se restringem a fases iniciais da escolarização, mas acompanham os estudantes ao longo de sua trajetória educacional, principalmente quando o ensino da língua ignora a diversidade linguística e os repertórios socioculturais dos falantes.

A escola, ao exigir a norma culta sem mediar o percurso que leva até ela, pode transformar as marcas da fala em fontes de vergonha ou insegurança linguística. No entanto, como defendem autores como Bortoni-Ricardo (2004) e Bagno (2015), é papel do(a) professor(a) atuar como mediador(a) linguístico(a), promovendo atividades que valorizem a oralidade como ponto de partida legítimo e que levem os estudantes à reflexão crítica sobre a língua.

Nesse sentido, a produção do(a) aluno(a) não deve ser vista como um simples amontoado de “erros”, mas como um texto com significado e identidade, que precisa ser lido com escuta atenta e com intencionalidade pedagógica. Trabalhar com retextualizações coletivas, análises comparativas (fala vs. escrita) e atividades de revisão com foco em variação linguística são estratégias que potencializam a aprendizagem da norma sem apagar as vozes que emergem da oralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre o fenômeno da supressão do ‘r’ final dos verbos no infinitivo nos leva a uma compreensão mais profunda da relação intrínseca entre oralidade e escrita, evidenciando a forte influência da primeira sobre a segunda. Ao analisarmos esse fenômeno, é possível perceber que a transposição das características da fala para a escrita reflete não apenas um desafio ortográfico, mas também um processo linguístico dinâmico e natural, que deve ser compreendido à luz dos aspectos internos e externos à língua. Reconhecer tais aspectos contribui para a formulação de estratégias pedagógicas mais eficazes, que podem ajudar a superar as dificuldades específicas no desenvolvimento da escrita dos alunos.

As produções textuais dos estudantes, como a analisada nesta pesquisa, são reflexo das marcas de oralidade presentes na fala. Mesmo diante da exigência da escrita ortográfica normativa, as influências da oralidade ainda se fazem presentes nas produções dos alunos. A gramática, em sua forma prescritiva, é frequentemente considerada o modelo “correto”, mas os estudos linguísticos contemporâneos, especialmente os



voltados para o ensino de Língua Portuguesa, buscam evidenciar a pluralidade de usos da língua, sem negligenciar, claro, a importância do ensino da norma culta.

Portanto, a mediação pedagógica desempenhada pelo(a) professor(a) no processo de ensino e aprendizagem é fundamental para promover uma maior consciência linguística entre os alunos, incentivando o interesse e a reflexão sobre a escrita. Muitos dos desafios enfrentados pelos alunos podem ser mais bem compreendidos quando se leva em consideração as variações linguísticas presentes tanto na língua falada quanto na escrita.

Dessa forma, é imperativo que os educadores se apropriem desses conhecimentos para aprimorar suas abordagens pedagógicas, ajudando os alunos a entender que as variações linguísticas são uma parte natural da língua e que as dificuldades na escrita podem ser contextualizadas dentro desse fenômeno linguístico em constante evolução.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. A língua de Eulália: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 1997.
- BAGNO, M. Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- BAGNO, M. Preconceito linguístico. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BARRETO, D. A. dos R. J.; MASSINI-CAGLIARI, G. O apagamento das consoantes róticas finais: um estudo comparativo entre português arcaico e o Português Brasileiro. *Revista do GEL*, v. 16, n. 1, p. 37-52, 2019. DOI: 10.21165/GEL.V16i1.1873. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/1873>. Acesso em: 22 dez. 2023.
- BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CAGLIARI, L. C. Alfabetização e Linguística. São Paulo: Scipione, 1992.
- MARCUSCHI, L. A. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- POSSENTI, Sírio. Língua: sistema de sistemas. *Temas de Neuropsicologia*, V. 4, p. 20-25, 1995.
- POSSENTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas, SP: Mercado de Letras. 1996.
- POSSENTI, Sírio. et al. Reescrita de textos: Sugestões de trabalhos. *Trocando em miúdos a teoria e prática*. Linguagem e letramento em foco. Cefiel/IEL/Unicamp, 2008.